



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS.
CURSO EM ENGENHARIA DE PESCA**

LUCIANA BATISTA OLIVEIRA

**ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA PESCA ARTESANAL DAS
MARISQUEIRAS DE DUAS COMUNIDADES NA RESERVA EXTRATIVISTA
MARINHA DA BAÍA DO IGUAPE- RESEX, MARAGOGIPE-BA.**

CRUZ DAS ALMAS/BA

2019.1

LUCIANA BATISTA OLIVEIRA

**ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA PESCA ARTESANAL DAS
MARISQUEIRAS DE DUAS COMUNIDADES NA RESERVA EXTRATIVISTA
MARINHA DA BAÍA DO IGUAPE- RESEX, MARAGOGIPE-BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Engenharia de Pesca, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Engenharia de Pesca.

Orientador: Prof. Moacyr Serafim Junior, D.Sc.

CRUZ DAS ALMAS/BA

2019.1

LUCIANA BATISTA OLIVEIRA

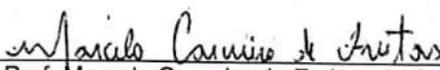
**ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA PESCA ARTESANAL DAS
MARISQUEIRAS DE DUAS COMUNIDADES NA RESERVA EXTRATIVISTA
MARINHA DA BAÍA DO IGUAPE- RESEX, MARAGOGIPE-BA.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Engenharia de Pesca como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Engenharia de Pesca, outorgado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

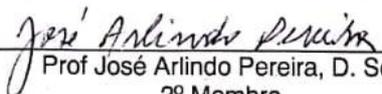
Aprovada em: 19/ 07/ 2019



Prof. Moacyr Serafim Junior, D. Sc.
Orientador
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof. Marcelo Carneiro de Freitas, D. Sc.
1º Membro
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof. José Arlindo Pereira, D. Sc.
2º Membro
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Sonia e Luciano por serem minha força e exemplo de determinação e paciência nos meus momentos difíceis!

Ao meu irmão Henrique, com carinho.

Aos meus queridos sobrinhos Heitor e Alice, meus pequenos tesouros e pontos de luz.

Dedico à VIDA!

O sucesso da vida é ter sucesso em viver!

Hoje eu quero a rua cheia de sorrisos francos
de rostos serenos, de palavras soltas
eu quero a rua toda parecendo louca
com gente gritando e se abraçando ao sol

Hoje eu quero ver a bola da criança livre
quero ver os sonhos todos nas janelas
quero ver vocês andando por aí

Hoje eu vou pedir desculpas pelo que eu não disse
eu até desculpo o que você falou
eu quero ver meu coração no seu sorriso
e no olho da tarde a primeira luz

Hoje eu quero que os boêmios gritem bem mais alto
eu quero um carnaval no engarrafamento
e que dez mil estrelas vão riscando o céu
buscando a sua casa no amanhecer

Hoje eu vou fazer barulho pela madrugada
rasgar a noite escura como um lampião
eu vou fazer seresta na sua calçada
eu vou fazer misérias no seu coração

Hoje eu quero que os poetas dancem pela rua
pra escrever a música sem pretensão
eu quero que as buzinas toquem flauta-doce
e que triunfe a força da imaginação.

...eu vou fazer seresta na sua calçada
eu vou fazer misérias no seu coração

Hoje eu quero que os poetas dancem pela rua
pra escrever a música sem pretensão
eu quero que as buzinas toquem flauta-doce
e que triunfe a força da imaginação.

Oswaldo Montenegro- Sem mandamentos.

AGRADECIMENTOS

“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar” Josué 1:9.

E a palavra que levo comigo é GRATIDÃO!

Agradeço primeiramente a Deus, o dono da vida! Por essa benção concedida, não foi fácil, mas Ele cuidou de tudo para que eu chegasse até aqui.

Aos meus pais pelo imenso amor e cuidado, que nos meus momentos difíceis pensando em desistir, foram meus maiores incentivadores e sempre acreditaram nos meus sonhos, minha mãe Sonia meu porto seguro, minha referencia, obrigada pelas palavras de sabedoria, ao meu pai Luciano, meu maior exemplo de força e de não desanimar diante das dificuldades. Foi por vocês que eu construí esse capítulo em minha vida. Eu amo vocês demais!

Agradeço ao meu irmão, meu maior exemplo de seriedade, obrigada pelo cuidado que sempre teve, pelo apoio, incentivo de sempre e pelas suas orações.

Agradeço aos meus familiares, tios, tias, primos e primas que torceram por mim, em especial tia Bia, por ser minha psicanalista e psicóloga, pelo amor, pelo apoio, por me ouvir em todos os momentos e ter sempre uma palavra certa para me acalmar, minhas primas Giselle, Fabiana e Patrícia gratidão por todo carinho.

Obrigada a Luiza Barbalho, pela orientação e por todos os momentos em coleta, pelas risadas e conversas compartilhadas.

As comunidades de Capanema e Baixão do Guaí, as marisqueiras pela abertura e confiança e que pude aprender um pouco dos saberes e conhecer de suas vivências e suas histórias. Obrigada pelo carinho!

Aos meus eternos amigos que a vida me deu Taiana Conceição, Ítalo Souza Rossellini Muniz por todo carinho, conselhos, abraços e risos.

Agradeço também aos amores que a UFRB me presenteou Luna Tatiana, Ludimila Lima, Leticia Almeida, Amanda Mata pelas conversas incentivadoras e resenhas, Joemille Santos, Jamille Santos (gêmeas lacração) pelo carinho e apoio de sempre, Emilly Suzarte por todas as palavras de motivação, Rafael Queiroz, Ariadne, Roberta e Elias pelos momentos de resenhas, descontração e apoio. Vocês foram parte essencial dessa caminhada!

A professora Mariana por todo carinho, você é sensacional!

Durante essa caminhada GRATIDÃO a todos por todos os abraços apertados, o olhar de carinho, as palavras de conforto, por terem chorado e ter compartilhado a vida comigo, a cada um que se fizeram presente nos momentos mais difíceis, o apoio de vocês fizeram toda diferença. Vocês fazem parte da minha historia!

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
2.1.	Pesca artesanal.....	14
2.2.	Estuário e o manguezal, um espaço geográfico raro e estratégico	16
2.3.	Reserva Extrativista	18
2.4.	A participação das mulheres na pesca artesanal	18
3.	OBJETIVOS	20
3.1.	Objetivo Geral	20
3.2.	Objetivo Específico	20
4.	MATERIAL E MÉTODOS	21
4.1.	Área de Estudo	21
4.2.	RESEX Marinha Baía do Iguape	22
4.3.	Coleta de Dados	23
5.	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	24
6.	CONCLUSÃO	33
	REFERÊNCIAS.....	34
	ANEXOS	41

RESUMO

O objetivo do trabalho foi avaliar aspectos socioeconômicos nas comunidades de Capanema e Baixão do Guai inseridas na RESEX Marinha Baía de Iguape (BA). A pesquisa foi desenvolvida nas comunidades de Capanema e Baixão do Guai pertencentes ao município de Maragogipe, Bahia. Os dados foram coletados no período de um ano, março de 2016 à março de 2017, por meio de entrevistas baseadas em formulários semiestruturados, com perguntas abertas e fechadas, aplicados as marisqueiras das duas comunidades pesqueiras. Em relação ao grau de escolaridade a maior parte das marisqueiras tem ensino fundamental incompleto em ambas as comunidades. Já com relação o estado civil, 65% das marisqueiras em Capanema são solteiras e 46% das entrevistadas responderam que mantêm união estável em Baixão do Guai. Dentre os apetrechos de pesca utilizados, o farracho e a faca são os mais utilizados. As principais espécies capturadas são o sururu, mapé e ostra nativa, principalmente no verão. Com relação ao saneamento básico, mais de 90% das residências não dispõem de acesso à rede de esgoto, sendo todos os efluentes domésticos distribuídos diretamente no manguezal. Conclui-se que as comunidades de Baixão do Guai e Capanema possuem as mesmas dificuldades e características, quanto à pesca artesanal, de outras comunidades ribeirinhas.

Palavras chave: Atividade econômica, Pesca artesanal, Marisqueiras.

ABSTRACT

The objective of this study was to evaluate socioeconomic aspects in the communities of Capanema and Baixão do Guai inserted in the RESEX Marinha Bay Iguape (BA). A consultation was held in the communities of Capanema and Baixão do Guai, which are members of the municipality of Maragogipe, Bahia. Data were collected over a one-year period, in March 2017, through a semi-structured set of samples, with the first open and closed, applied as shellfish from the two fishing communities. Regarding the educational level in one of the two main areas of incomplete primary education in both communities. With regard to marital status, 65% of seafood in Capanema are single and 46% of respondents have been partnering in Baixão do Guai. Among the fishing gear used, the farracho and a knife are the most used. The main catches are: sururu, mapé and native oyster, mainly in summer. With regard to basic sanitation, more than 90% of households do not have access to the sewage system, all being effluents. The communities below Guai and Capanema have the same difficulties and characteristics, as for artisanal fishing, as other riverside communities

Key words: Economic activity, Artisanal fishing, Shellfish.

1. INTRODUÇÃO

A pesca nas zonas costeiras é uma atividade realizada desde os primórdios e a captura de organismos aquáticos tem sua importância não só pela economia gerada, mas também por sua função social e valorização da mulher marisqueira (RODRIGUES e GIUDICE, 2011).

Essa atividade pesqueira é desenvolvida em todo o litoral brasileiro, geralmente em pequenas comunidades e cada pescador/marisqueira, é capaz de subtrair do ambiente em que pertencem, os recursos extraídos para uso comum e sua comercialização (PINDYCK E RUBINFELD, 2010; CAVALCANTE et al 2018).

A pesca artesanal estabelece métodos de trabalho bastante antigo, em que aqueles que praticam essa atividade advêm dos conhecimentos práticos essenciais, com destaque para a simplicidade na produção e utilização dos instrumentos de trabalho (SANTOS 2016).

Posto que o a atividade da pesca artesanal esteja relacionado a variados aspectos e recursos, tais como o fator socioeconômico e em que está inserida, e nos quesitos envolvendo os recursos do meio ambiente. Destaca-se a relação dessa atividade com as características específicas de cada região, numa perspectiva abrangente, capaz de fornecer elemento mais específicas as pesquisas dessa natureza (SANTOS 2016).

Para SANTOS (2008) a pesca artesanal nas comunidades tradicionais atribui de grande importância quer pelo lado econômico, representado pela quantidade de pescado extraído (60% da produção pesqueira nacional), quer pelo lado social, quanto ao que representa no nível de empregabilidade.

Com os dados do Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP) do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, 2015), nota-se que a cada duzentos brasileiros, um é considerado pescador artesanal. Sendo uma das atividades em que mais impacta no âmbito social e econômico no Brasil, a pesca artesanal é exercida por pessoas autônomas, de classe baixa, residentes de comunidades ribeirinhas, em regime de economia familiar, ou seja, contempla a soberania alimentar e comercialização do excedente (MPA, 2015).

A mariscagem é uma atividade vista como: “uma forma não predatória de uso dos recursos” (CARDOSO, 2003). A prática considerada feminina, vista como pesca

artesanal, pois se diferencia por ser uma pesca de baixo impacto ambiental, realizada através de instrumentos elementares, muitas vezes confeccionados pelas próprias marisqueiras. Estes utensílios são: facão e ferro para retirar o marisco, sapatão de pano ou botas apropriadas, calça e capote para se proteger das muriçocas e outros insetos no manguezal e o balaio para carregar os mariscos (FIGUEIREDO, 2011).

A mariscagem pode ser praticada ao longo do ano, entretanto no período chuvoso o animal é encontrado em menor quantidade, além das dificuldades com o tempo mais frio e com chuvas. Os mariscos passam pelo processamento de forma artesanal, comumente nos quintais das casas das marisqueiras, alguns são cozidos para posteriormente ser retirada a carne, única parte do animal com valor comercial até o presente momento. Dependendo da espécie a carne pode ser comercializada por até dez reais por quilograma (PINHEIRO, 2013).

Estima-se que em 2010, a produção pesqueira marinha brasileira do grupo dos moluscos foi de 13.858 toneladas. Com 3.730 toneladas o mexilhão foi a espécie mais representativa. Conforme os dados apresentados demonstra a importância da mariscagem como atividade econômica, seja para a comercialização, seja para o autoconsumo (BRASIL, 2012).

As atividades relacionadas à retirada dos organismos têm efeitos negativos sobre os estoques, sejam efeitos diretos da captura sobre os estoques pesqueiros, ou indiretos devido às alterações no ambiente explorado (LIMA, 2012). A captura em grande escala pode alterar o tamanho ou a estrutura de uma população, podendo causar instabilidade nas interações biológicas, podendo ter efeitos indiretos sobre outros cardumes de uma mesma comunidade (KAISER ET AL., 2005).

A inclusão das mulheres neste universo da pesca aconteceu inicialmente de forma indireta, quando a elas competia o encargo do beneficiamento e da comercialização do pescado, além da confecção e do reparo dos instrumentos utilizados pelo homem para a realização da atividade. Entretanto, as complexidades socioeconômicas das comunidades, característica comum das regiões envolvidas e que sobrevivem da exploração dos recursos pesqueiros, cooperaram significativamente para a inserção da mulher de forma direta na pesca (RAMALHO, 2006). Deste modo, elas ocupam as margens de rios, estuários e mangues, trabalhando diretamente na captura de peixes, moluscos e crustáceos, a fim de atender às necessidades de sobrevivência de suas famílias.

Devem ser tomadas medidas essenciais para conservação, proteção e conscientização destes ecossistemas, pois a poluição dos estuários e o uso e ocupação dos manguezais tendem a se extinguir colocando em perigo a estabilidade da zona costeira.

No presente trabalho objetivou-se avaliar o papel das mulheres na pesca artesanal, de forma que o trabalho influencie na parte social e econômica de suas famílias e das comunidades, viabilizando a melhoria da renda de cada marisqueira. Procurou-se também enfatizar a importância da mulher e a com a dualidade de ser mãe/marisqueira.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Pesca artesanal

A pesca praticada a milhares de anos por nativos e colonizadores perpetuando-se por gerações. No Brasil, historicamente, a pesca era exercida pelos indígenas e negros, a princípio as técnicas eram rudimentares e com o passar do tempo foram sendo inovadas a partir do contato com outros povos. Diante dos lucros da atividade exercida e a valorização do pescado, a atividade pesqueira veio ganhando importância para a economia brasileira, sendo criadas leis e decretos para sustentá-la (RODRIGUES e GIUDICE 2011).

A pesca artesanal distingue com a pesca industrial devido às técnicas utilizadas, ambientes que atuam e também quanto aos estoques explorados. A pesca artesanal é praticada por pescadores autônomos que trabalham sozinhos ou em pequenos grupos geralmente com mão-de-obra familiar ou não assalariada, utilizam instrumentos relativamente simples e destinam sua produção para o consumo próprio e parcialmente, para o mercado (VASCONCELLOS et al., 2011; DOMINGUEZ et al; 2016).

O exercício da pesca artesanal está totalmente ligado às comunidades ribeirinhas, as quais devido a sua baixa especialização e níveis de pobreza fazem dela a principal fonte de subsistência, portanto uma ocupação importante no contexto socioeconômico (JESUS e PROST, 2011).

A atividade da pesca é totalmente artesanal e a transmissão dos conhecimentos é passada de geração em geração (BRASIL, 2012). Na condição de produtores de alimentos, os pescadores/marisqueiras possuem relações estreitas com a natureza, embora essa atividade pesqueira apresentar múltiplas limitações em termos de produtividade e de condições de trabalho (ARAÚJO, 2010).

Cavalcante (1989) salienta que além do importante papel na produção de alimentos, a pesca artesanal é um forte indicador social, gerando empregos diretos e de grande contribuição para a fixação das famílias nas regiões litorâneas de origem, evitando assim o êxodo para os centros urbanos e a consequente condição "sub-humana" encontrada na cidade grande.

O Brasil não apresentou dados oficiais sobre pesca e aquicultura, relacionados à captura nos últimos quatro anos (FAO, 2018). Em 2014, o Brasil ocupou no ranking de produção aquícola mundial o 14º lugar com 562,5 milhões de

toneladas. Pesquisas realizadas em 2011, sobre a produção pesqueira em nosso país, demonstram que pesca extrativista no Brasil contabilizou 803.270,2 t, sobrepondo quase 2,3% na produção em relação ao ano de 2010. Nos estudos com relação à produção pesqueira marinha por espécie, observou-se que com 87% da produção total representou o grupo dos peixes, acompanhado pelos crustáceos com 10% e moluscos com 3% (MPA, 2011).

Nas pesquisas do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) grande parte dos pescadores artesanais brasileiros situa-se na região do Nordeste, se comparado aos pescadores industriais à maioria estão localizados na região Sul. (MPA, 2012). Contudo o Brasil, por possuir uma potencialidade gigantesca para o exercício da pesca (existência de 8.500 km de extensão de costa, 4,3 milhões de km² de Zona Econômica Exclusiva, além de possuir 12% do total da reserva de água doce do planeta), não rende números tão expressivos no que se menciona ao consumo de pescado per capita ao ano. (SEAP, 2006; MPA, 2012; RAINHA, 2014).

Segundo Vasconcellos et al., (2011), a pesca artesanal em 2003, foi responsável por volta de 54% do total de desembarques provenientes do ambiente marinho, evidenciando a importância desta atividade pesqueira no Brasil. Para algumas famílias de baixa renda do país, a pesca artesanal é a única forma de consumir proteína animal (DOMINGUEZ et al; 2016).

Com os dados disponibilizados pelo IBGE a região Nordeste representou a maior participação na produção pesqueira marinha em 2015, com 28,8%, seguido veio à região Norte, com 25,7%; a região Sul, com 24,2; a região Centro Oeste, com 12,6% e o Sudeste, com 10,7% segundo os dados obtidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2011.

No estado da Bahia os pescadores são considerados totalmente artesanais, sendo a pesca usada como uma escolha importante para a estabilidade e complemento da renda dos moradores e para os costumes dos pertencentes da região (CORDELL, 2001). Por sua vasta área litorânea o Estado da Bahia, comporta importantes estuários ao longo de 40 bacias hidrográficas e quase 100.000 hectares de manguezais ricos em estoques pesqueiros (RAMOS, 2002; RIOS, 2014).

No Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP), do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) extinto, o estado da Bahia ocupa 3º (terceiro) lugar com pescadores cadastrados, com 131.023 registros (21,4%) no NE. De acordo com o RGP, 41% dos pescadores registrados representam o sexo feminino, sendo a Bahia,

o estado que apresenta maior número de mulheres registradas e no geral nas pesquisas avalia-se que existem atualmente no Brasil aproximadamente um milhão de pescadores artesanais.

O conjunto de pequenos barcos utilizados na pesca artesanal, geralmente é manuseado por seus próprios donos e são os que comandam a viagem de pesca e a mão de obra é constituída por familiares ou parceiros (FREITA, et al 2016).

Conforme SILVA (2011) “Na pesca artesanal, em grande parte, o pescador é dono dos seus recursos usados para a extração dos organismos, como: o barco, a rede, os apetrechos e a técnica de pescar”. Pode, no entanto, terem alguns encarregados que são contratados para pescar que utilizam desses utensílios, no qual o empregado recebe um valor proporcional ao que pesca. Ressalva que aquele pescador que possui seus próprios apetrechos e barco, a renda é maior. (FREITA, et al 2016).

2.2. Estuário e o manguezal, um espaço geográfico raro e estratégico

Os estuários têm grande importância na parte da biologia de diversas espécies aquáticas, elevada produção biológica, grande riqueza e diversidade de espécies e formas de vida, são regiões em que estima a produção dos organismos e com uma extensão para abrigo de vários peixes, crustáceos e moluscos, podendo ser durável ou passageiro (ODUM, 1983; OLIVEIRA, 2006).

São ambientes que ocorre a corrente de água doce, desde os rios ao encontro com a água do mar. Esses ecossistemas possuem características por tolerar extensas mudanças ambientais como o ciclo das marés, salinidade temperatura (PINTO-COELHO & HAVENS 2015).

O manguezal é considerado um ambiente pobre em biodiversidade de espécies e vegetais, mas tem sua grande relevância para a vida inicial dos organismos, em razão de suas variadas funções ecológica. Localizado em desembocadura de um rio que é o encontro do rio com o mar, estuário ou até em linha de costa, o manguezal encarrega-se de muitas funções tais como a contenção de sedimentos e matéria orgânica, conservação das margens da baía, berçário e viveiro de distintas espécies da ictiofauna. Para além da sua importância e seu vínculo com as espécies, o manguezal se revela importante para a conservação de

recifes de coral, uma riqueza que expressa em uma elevada produtividade primária do ponto de vista biológica, de vista que comunga em um baseamento para as práticas sociais e o sustento consequente de numerosas famílias costeiras que vivem e dependem desse ambiente no mundo e no Brasil, do mesmo modo que é o caso na Baía do Iguape onde se encontram 20 comunidades que pertencem à unidade de conservação (UC), agrupando cerca de 8.000 pessoas vivendo da pesca artesanal segundo estudiosos da área (PROST, 2010).

Com o crescimento da pesca artesanal para os devidos afins e que acarreta na externalidade, na proporção em que a ação do homem sobre a natureza resulte no colapso deste recurso renovável, ao ponto do nível dessa exploração estiver superior consequentemente às condições de reprodução das espécies de pescado poderá não suportar a pressão. Devido a essas circunstâncias implica que a degradação do meio ambiente seja resultado do comportamento acelerado do mercado, em que a atribuição dos recursos se afasta de uma situação “ótima” (CAVALCANTE, et al 2013).

Entretanto o aumento da demanda, à crescente ocupação da zona costeira e ao livre acesso aos recursos, à pesca de pequena escala vem crescendo ao longo das últimas décadas, porém a diminuição dos estoques pesqueiros pela sobrepesca tem forçado os pescadores artesanais a buscarem outras fontes de renda (DOMINGUEZ et al; 2016).

Devido à necessidade das comunidades pertencentes à costa em possibilitar sua sobrevivência, associada à atual pressão econômica à qual elas estão sujeitas e relacionada à exigência do mercado consumidor, estão levando a situações de sobre-exploração dos recursos e, portanto, redução no estoque pesqueiro (RONDINELLI, 2009).

Diversos organismos são frequentemente explorados para o consumo humano. A constante coleta desses organismos, mesmo de forma artesanal, pode colocar em ameaça os estoques naturais dessas espécies no futuro, levando à extinção os recursos naturais destes animais (GIL; TRONCOSO; TOMÉ, 2007).

Diante do exposto quadro de sobre pesca dos recursos pesqueiros já mencionados, a cooperação e a inclusão das mulheres na pesca aumentaram progressivamente ao longo dos anos, sendo que essas atividades foram introduzidas para complementar o orçamento familiar (PALHETA, et, al 2016).

2.3. Reserva Extrativista

A gestão nas comunidades pesqueiras de recursos naturais vem sendo desenvolvida no Brasil e com bons resultados (SANTOS 2008; SILVA, 2016). A vivência das Reservas Extrativistas (RESEX) é uma das mais importantes, sendo resultado da organização interna e de lutas das populações tradicionais e das propostas que delas emanam, recebendo apoio de organizações sociais e privadas. Estas Unidades de Conservação são um dos métodos legais mais recentes com objetivo de garantir o desenvolvimento sustentável e a preservação dos recursos naturais renováveis, tradicionalmente utilizados pela população extrativista da área (SANTOS, 2006; CASAL e SOUTO, 2018).

CHAMY (2004) propõe que as RESEX Marinhas possam ser conduções ativas para elaborar as formas culturais tradicionais dos pescadores e marisqueiras artesanais e a conservação dos estoques pesqueiros. Para mais, a inserção das comunidades de pescadores artesanais na gestão da reserva garante o respeito dos domínios tradicionais, impedindo a perda dos saberes locais, comprometidos pela reorganização dos espaços, ditada pelos avanços da economia urbano/industrial e pasteurização cultural global (CASAL e SOUTO, 2018).

A Reserva Extrativista Marinha da Baía do Iguape é uma unidade de conservação federal do Brasil categorizada como reserva extrativista e criada por Decreto Presidencial em 11 de agosto de 2000 numa área de 8.117 hectares no estado da Bahia, está localizada nos municípios de Maragogipe e Cachoeira, estado da Bahia, envolvendo dois ambientes: 2.831,24ha incluem terrenos de manguezais e 5.286,29ha de águas internas brasileiras. (IBAMA, 2000).

A Baía do Iguape compreende uma Reserva Extrativista (RESEX) que se alonga sobre águas interiores. Essa ação coletiva almeja proteger os ecossistemas de manguezal e aquáticos, do mesmo modo a vida das populações extrativistas: pescadores e marisqueiros (PROST, 2010).

2.4. A participação das mulheres na pesca artesanal

A pesca artesanal é uma das atividades mais produtivas do mundo realizada predominantemente por homens. A inclusão das mulheres nesta atividade sucedeu

de forma indireta com responsabilidade do beneficiamento e da comercialização do pescado, além da confecção e reparo de instrumentos utilizados pelo homem para a prática da pesca. (MARTINS et. al 2016).

A inclusão da mulher na pesca traz consigo não somente a produção de alimento quanto o crescimento da renda para sua família, também a conservação da própria atividade, mediante manipulação dos recursos, introdução dos filhos nas tarefas e conseqüente transmissão de conhecimentos, apesar das condições adversas enfrentadas por esta profissão (MARTINS & ALVIM 2016).

De acordo com Campos (2009), com decorrer dos últimos anos a relação entre a mulher, a água, o espaço, os recursos naturais e o desenvolvimento se tornaram maior e vem ganhando destaque no cenário das discussões em nível mundial. Esse fato estimula o reconhecimento da mulher e incentiva a sua participação nos planos de gerenciamento da pesca.

A presença feminina relacionada nas atividades da pesca representa uma alternativa de subsistência, fonte de trabalho e renda para inúmeras famílias em todo o país. Todavia, a representação da mulher neste universo ocorre, com algumas restrições, em uma conjuntura de invisibilidade e desvalorização do seu trabalho, entendido como extensão das tarefas domésticas, e não como pesca propriamente, resultando na fragilidade da identidade profissional das pescadoras, em razão do não reconhecimento e da invisibilidade de suas funções (MARTINS & ALVIM 2016).

Para a economia pesqueira, as mulheres possuem um importante papel, tanto quanto na própria atividade de pesca, como no processamento e/ou venda de frutos-do-mar, limpeza dos peixes e dos mariscos para a comercialização. Na produção de molho de peixe e de peixe seco e no processamento da carne de caranguejo (RONDINELLI, 2009).

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Avaliar aspectos socioeconômicos nas comunidades de Capanema e Baixão do Guáí inseridas na RESEX Marinha Baía de Iguape (BA).

3.2. Objetivo Específico

- Avaliar o papel das mulheres na pesca artesanal e sua importância na geração de renda e subsistência familiar;
- Caracterizar as comunidades quanto ao seu perfil socioeconômico;
- Identificar as artes de pesca utilizadas pelas marisqueiras.

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1. Área de Estudo

O município de Maragogipe encontra-se a aproximadamente cerca de 133 km de Salvador/BA (FIGURA 1). A estimativa de sua população é em 44.555 habitantes aproximadamente, dividido entre 05 distritos além da sede, são eles Coqueiro, Nagé, Guaí, Guapira, São Roque do Paraguaçu além de muitas outras pequenas comunidades, sendo algumas delas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares como áreas remanescentes de quilombo. Maragogipe possui uma vasta riqueza em relação aos recursos naturais, mostrando-se com o um alto poder para a ampliação dos exercícios ligados a pesca, ao turismo ecológico, rural e principalmente o turismo náutico (IBGE, 2018).

A Baía do Iguape se encontra no Recôncavo Baiano, estabelecida na Baía de Todos os Santos (BTS). Em seus arredores dispõe de ecossistemas como mata atlântica remanescente, floresta secundária, manguezal e restinga, abrigando milhares de famílias que vivem destes ecossistemas próprios ou associados. A pesca artesanal, o extrativismo vegetal e a agricultura de subsistência são as principais atividades econômicas destas populações (PROST, 2007).

No que se refere à área, o Guaí é o maior distrito, abrangendo uma extensa zona rural ao sul do município. Dentro desse distrito, há, ainda, diversas comunidades, destacando-se a de Capanema e de Baixão do Guaí, locais de estudo do presente trabalho (IBGE, 2018).

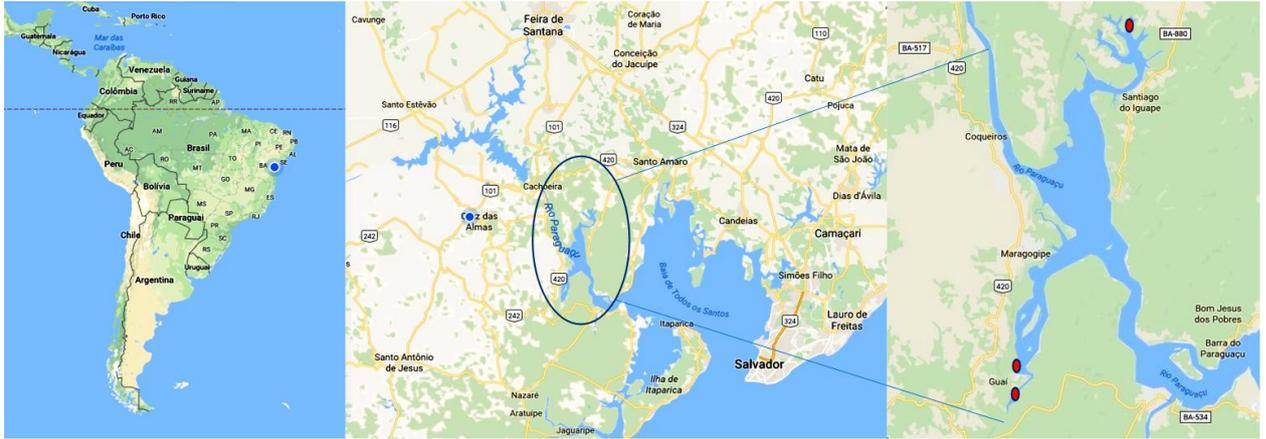


Figura 1. Localização da área de estudo (Fonte Google Maps).

Situada ao fundo da Baía de Todos os Santos à direita do estuário do rio Paraguaçu, onde se desenvolve uma baía interna, caracterizada como Baía do Iguape. O município possui o posicionamento precisamente no ponto de encontro do rio Paraguaçu com o rio Guaí, constituindo uma larga região de enseada, rodeada por cerca de 30 km de manguezais com, aproximadamente, 30 metros de largura. Com todos correndo risco de destruição (ICMBIO, 2015).

4.2. RESEX Marinha Baía do Iguape

A Reserva Extrativista (Resex) marinha Baía do Iguape, situada na Baía de Todos os Santos (BTS), apresenta uma organização federal de conservação ambiental embasada no uso sustentável dos recursos naturais por populações tradicionais.

A atividade foi desenvolvida nas comunidades de Capanema (12o50'61" S e 38o56'31" O) e Baixão do Guaí (12o50'61" S e 38o56'11" O) pertencentes ao município de Maragogipe, Bahia. As comunidades estão localizadas na RESEX marinha Baía do Iguape, designada no ano de 2000, tendo 8.117,53 há de área total, sendo 2.831,24 ha de manguezal e 5.286,29 há de águas internas brasileiras (ICMBIO, 2015).

Nas comunidades de Capanema e Baixão do Guaí, a mariscagem é uma atividade de forma exclusivamente artesanal, tanto para comercialização quanto para seu consumo. A princípio a prática dessa atividade remonta a temporada da ocupação dos primeiros habitantes da Baía de Todos os Santos (BTS), como evidencia a presença de sambaquis na beira de suas águas (JESUS; PROST, 2011).

4.3. Coleta de Dados

Os dados foram coletados no período de um ano, março de 2016 à março de 2017, por meio de entrevistas baseadas em formulários semiestruturados, com perguntas abertas e fechadas, aplicados as marisqueiras das duas comunidades pesqueiras, de forma que as mesmas perguntas fossem efetuadas na mesma ordem para todos os entrevistados. Esta abordagem fornece informações básicas e gerais sobre a pesca e utilização do pescado em uma dada comunidade de pescadores e em determinado momento, de forma relativamente rápida e menos dispendiosa (SILVANO, 2004).

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação ao grau de escolaridade, a maior parte das marisqueiras tem ensino fundamental incompleto justificado pela necessidade de trabalhar para sustentar a família, baixo rendimento escolar, devido à falta de escolas próximas às comunidades e o difícil acesso. Podemos confirmar pelo exercício da profissão na extração de moluscos por parte das mulheres e da sua importância no sustento da família, além das atividades domésticas praticadas diariamente (FIGURA 2). Os trabalhos encontrados na literatura corroboram com os dados obtidos no presente estudo. Pedrosa et al. (2013) aponta que frequentemente os pescadores têm baixa escolaridade em duas comunidades em Recife, observando que o nível de escolaridade na zona urbana era maior que na zona rural. Santos et al. (2011) observaram que 19% dos pescadores entrevistados no município de Raposa - MA são analfabetos e 49% têm ensino fundamental incompleto. Cavalcante et al. (2013) registraram que 80% dos pescadores na Reserva Extrativista - RESEX de Canavieiras no Estado da Bahia possuíam apenas o nível fundamental.

Para Vasconcelos et al (2003) presumem que em relação às comunidades ribeirinhas o nível de informações e nível de estudos adquiridos atualmente pelos pescadores mais jovens é superior há anos. Supõe-se que isso é resultado de aumento das escolas públicas e a não inserção diretamente nas atividades da pesca.

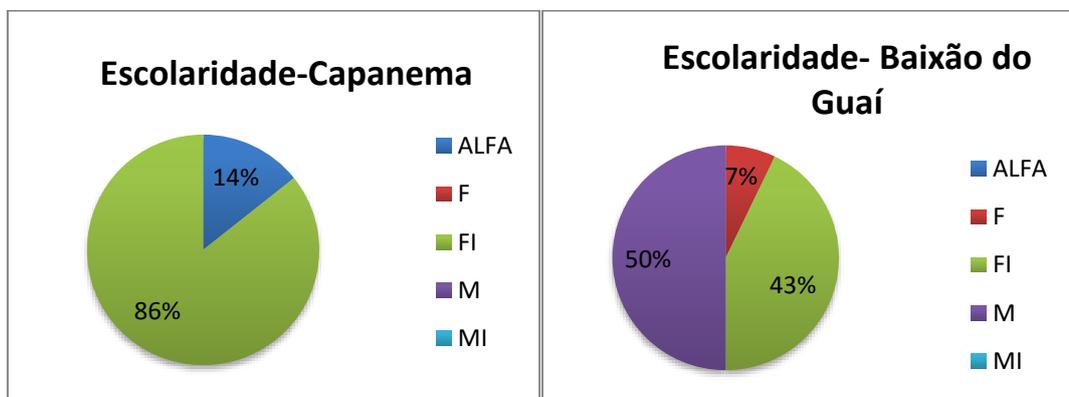


Figura 2. Escolaridade das marisqueiras de Capanema e Baixão do Guai, dividido em alfabetização (ALFA), fundamental(F), fundamental incompleto(FI), ensino médio(M), ensino médio incompleto(MI).

Diante das entrevistas identificamos que na comunidade de Capanema 65% das marisqueiras são solteiras, seguidas pelas casadas ou com união estável (14%) e 7% que separadas. Na comunidade Baixão do Guai, com relação ao conjugue, 46% das entrevistadas responderam que mantêm união estável, seguidas pelas casadas com 31% e as solteiras com 15%. Apenas 1% encontra-se separada (FIGURA 3). Ribeiro et al. (2016), encontrou perfil similar em relação ao estado civil das marisqueiras na Ilha de São Luiz, litoral norte do Maranhão, especialmente em relação a Baixão do Guai. Na reserva Extrativista de Canavieiras, quanto ao estado civil, 73% dos pescadores e marisqueiras são casados ou possuem união estável (CAVALCANTE et al. 2003). Na comunidade de Barra Grande, Rio Parnaíba, Piauí, Freitas et, al (2012) também constatou que a situação conjugal das marisqueiras em sua maioria o casamento é predominante (44,44%), 28,57% moram junto e 12,70% são solteiras, havendo casos de desquite (6,35%) ou viuvez (7,93%).

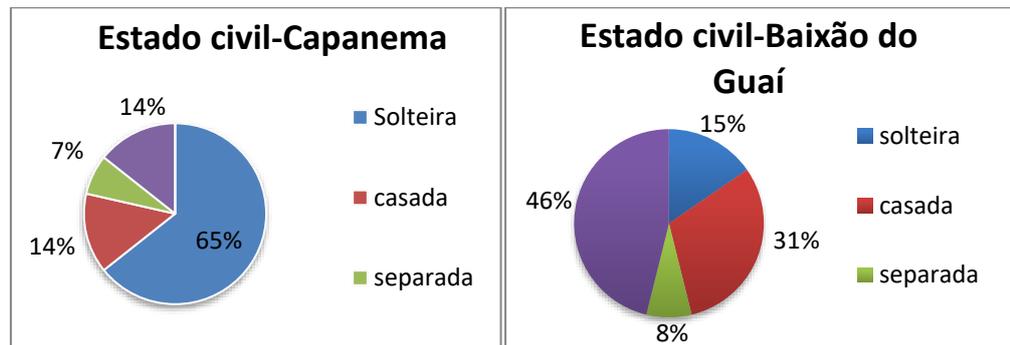


Figura 3. Estado civil das marisqueiras de Capanema e Baixão do Guai

A grande parte das marisqueiras entrevistadas nas duas comunidades não possuem embarcações, mostrando que o transporte dos mariscos advém de seus esforços físicos e deslocamento a pé até aos pontos de coleta, sendo que apenas uma possui embarcação, mas é em conjunto com o marido. Algumas marisqueiras preferiram não responder (FIGURA 4). Diferentemente do que foi encontrado na comunidade de Barra Grande, Rio Parnaíba, Piauí, Freitas et, al (2012) constatou que o transporte utilizado no exercício da mariscagem por 31,74% das mulheres é a carroça, seguida da canoa por 20,65% das mulheres, o restante (47,61%) não utiliza condução, indo a pé para os pontos de coleta. Para os pescadores de molusco da

bacia do rio Pina, Recife – PE, no que diz respeito à forma de deslocamento da residência ao sítio de exploração, constatou-se que 45,5% se deslocam a pé ou utiliza bateras; 27,3% apenas usam bateras; 18,2% a pé; 4,5% de batera ou a nado e 4,5% apenas a nado (SOUZA ET AL., 2007). Soares et al (2015) Observou através dos dados em Itarema (CE) que 83,4%, ou seja, que a maioria dos pescadores não possuem embarcação e trabalham na de outros (parentes ou amigos), sendo seu lucro muito pequeno. Somente 16,6% possuem embarcação pesqueira e as marisqueiras dificilmente utilizam-na.

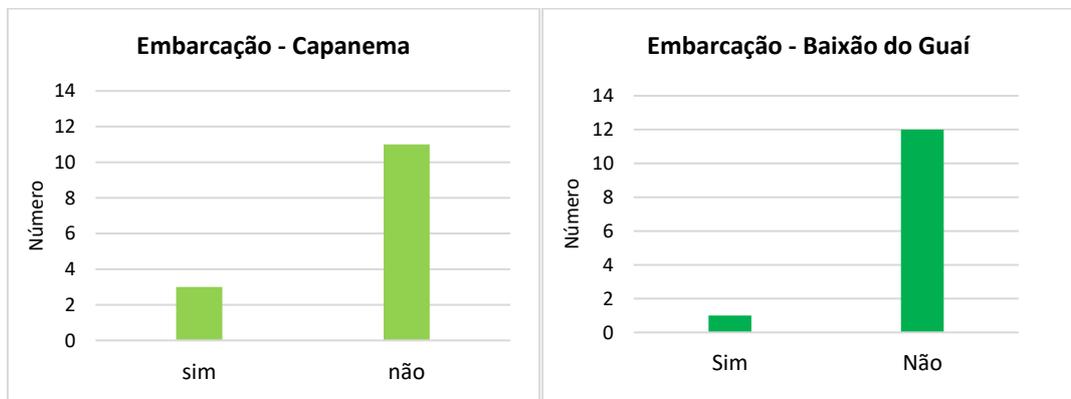


Figura 4 Número de embarcações utilizadas pelas marisqueiras em Capanema e Baixão do Guai.

Com relação aos apetrechos de pesca, o mais utilizado na mariscagem em Capanema é o farracho (34%), seguido da faca de mariscagem, entre outros (enxada, rede, redinha) com 33%. Em Baixão do Guai a faca de mariscagem (37%) e o farracho (34%) são mais comuns, além da enxada, redes, entre outros comumente utilizados para capturar moluscos, porém com menor frequência (FIGURA 5).

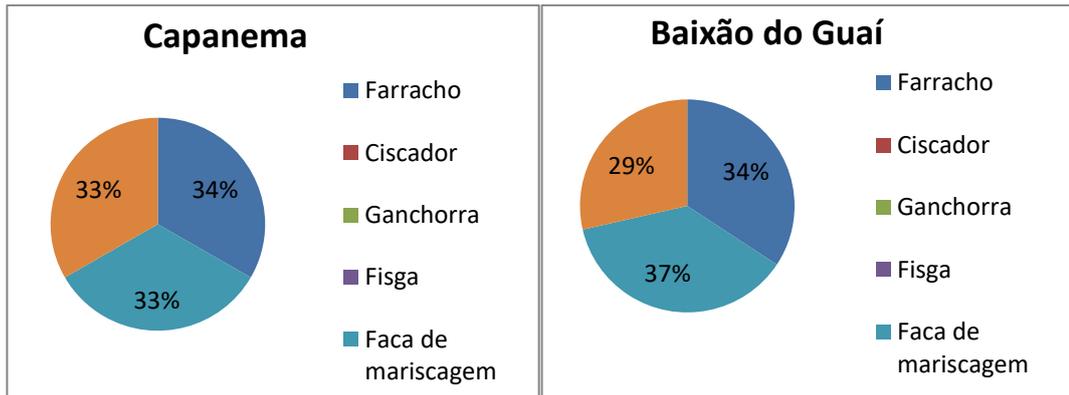


Figura 5. Apetrechos utilizados pelas marisqueiras de Capanema e Baixão do Guai.

Os instrumentos mais utilizados na BTS para a coleta manual de moluscos (sururu, rala-coco, papa-fumo, lambreta etc.) abrangem instrumentos como colheres, enxadinha, facas, bicheiras, forquilhas, facão, peixeira, foice, estilete, varão, fisgas etc. (SOARES ET AL., 2009). Estes instrumentos são rotineiramente utilizados pelas marisqueiras, que geralmente, se deslocam até as áreas de mangue.

A estação do ano em que mais ocorre a mariscagem é o verão. As espécies alvos de captura durante todo ano, na comunidade de Capanema são: sururu (*Mytella guyanensis*), mapé (*Pteria Radiata*), ostra nativa (*Crassostrea rhizophorae*) e chumbinho (*Anomalocardia brasiliiana*). O mapé é capturado em maior quantidade durante a primavera. Assim como em Capanema, a estação do ano em que mais acontece a extração dos moluscos em Baixão do Guai é: lambreta (*Phacoides pectinatus*), sururu (*Mytella guyanensis*), mapé (*Pteria Radiata*), ostra (*Crassostrea rhizophorae*) e chumbinho (*Anomalocardia brasiliiana*). Outros pescados, como camarão (*Farfantepenaeus paulensis*) e tainha (*Mugil sp.*), também são pescados em menor quantidade.

Normalmente a produção é vendida no mesmo dia para os próprios moradores e repassada aos atravessadores, mas quando a venda não ocorre (parcial ou totalmente), os pescados são acondicionados em geladeira, ou são consumidos pelas próprias marisqueiras e suas famílias.

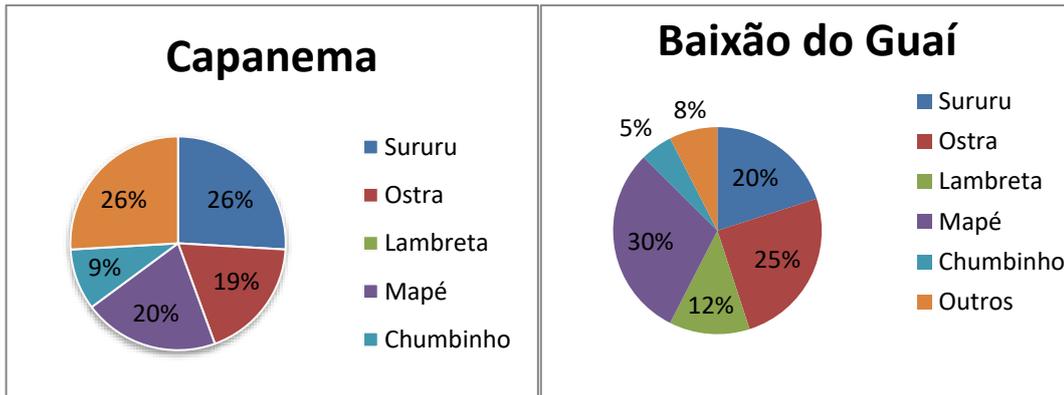


Figura 6. Moluscos mais capturados em Capanema e Baixão do Guai

Em Capanema, a espécie de maior valor é a ostra nativa, comercializada a R\$15,00/Kg, seguida pelo mapé (R\$ 12,00/Kg) e o sururu (R\$ 10,00/Kg). Apesar de não serem capturados com frequência, camarão e tainha alcançam valores superiores aos dos moluscos. O melhor retorno econômico em Baixão do Guai é proporcionado pela ostra R\$17,00/Kg seguido pelo mapé (R\$ 13,75/Kg) e da lambreta (R\$ 3,50/dúzia) (Figura 7). Nas duas comunidades os preços variam durante o ano. Essa variação de preço é determinada por diversos fatores, especialmente o aumento da demanda do mercado consumidor durante o verão. Para Capanema e Baixão do Guai foram registradas cinco espécies de maior valor econômico, e a espécie de máxima resposta econômica vem sendo a ostra do mangue. Esses valores variam durante o ano, alcançando seus maiores valores no verão.

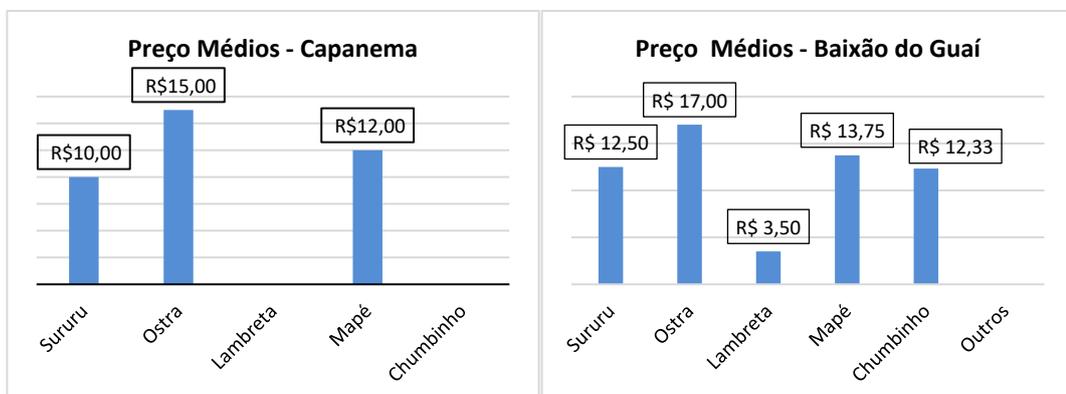


Figura 7. Preço médio dos moluscos capturados de Capanema e Baixão do Guai.

De um modo geral, as condições de beneficiamento dos pescados são bastante precárias, de forma bem simples devido à falta de apoio e por não terem unidades de beneficiamentos nas comunidades. Em média, são gastas 3,5 horas de trabalho para retirar a carne das conchas, mas esse tempo varia de acordo com a produção diária. Após a retirada da concha, a carne (parte mole do molusco) é processada de forma variada, geralmente os organismos capturados são processados por meio de fervura em panela de alumínio ou latão no fogo a lenha, ao passo que a conservação ocorre em freezer ou geladeira,

Na comunidade de Capanema a conservação dos moluscos se faz com 48% por fervura e 52% fica separado na panela. Em Baixão do Guai, distingue que 47% das entrevistadas conservam os moluscos no freezer da geladeira, 40% no gelo e 13% "in natura" (Figura 8).

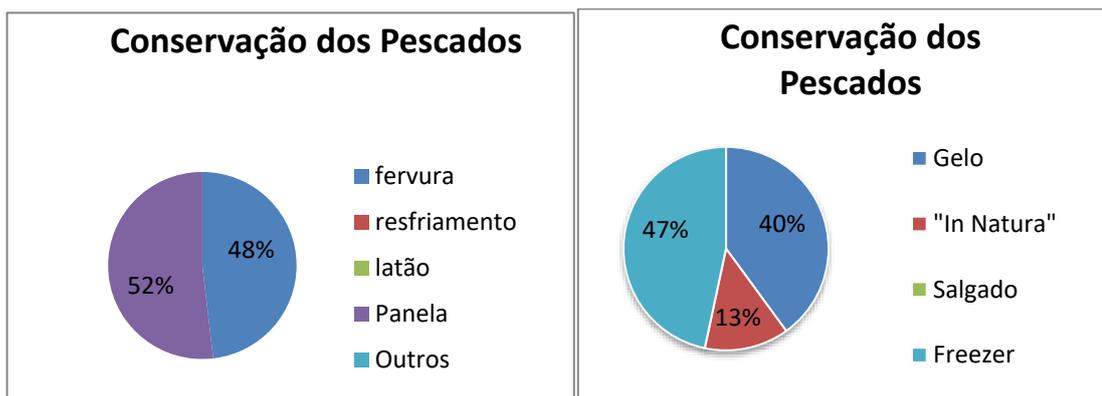


Figura 8. Conservação dos pescados

As entrevistadas, afirmaram que as quantidades de indivíduos capturados estão diminuindo e quando questionadas sobre os fatores que julgam responsável por essa diminuição citam: o extrativismo predatório exercido pelos próprios pescadores locais, a sobrepesca, operação da UHE Pedra do Cavalo, além das intervenções antrópica como poluição dos rios, queima das madeiras das arvores do mangue nos ambientes naturais o que acarreta a diminuição da quantidade e do tamanho dos peixes capturados. Determinadas espécies diminuíram e outras apresentaram um decréscimo em seus estoques. Porém foi identificado um nível

elevado de consciência em preservar os manguezais entre todas as marisqueiras entrevistadas.

Segundo o relato dos extrativistas mais velhos, a construção da barragem provocou fortes alterações, enfraquecendo consideravelmente espécies que em tempos remotos eram abundantes ou causando o desaparecimento de espécies mais encontradas na região como a pititinga, a tainha ou o cabeçudo entre outras (PROST, 2007).

Nas comunidades que foram realizado o trabalho, mais de 90% das residências não dispõem de acesso à rede de esgoto, sendo todos os efluentes domésticos distribuídos diretamente no manguezal, sem qualquer tipo de tratamento. Quando se trata de acesso à rede de água potável, 53,6% das residências das comunidades são contempladas com esse serviço. No resto dos casos, a água é fornecida através de cisternas/poços construídos no fundo de suas casas, nascente ou por outras formas (PROST, 2007). De acordo com os dados do IBGE (2017), apenas 38,2 % do município de Maragogipe tem saneamento básico adequado.

Uma pesquisa feita com as marisqueiras na cidade de São Francisco do Conde mostrou que, embora das entrevistadas afirmarem que residiam em casa própria, durante as idas em campo, constatou-se que a maioria das casas era construída em material de taipa, cobertas com telhas de amianto ou barro, revelando a forte pobreza na região. Ainda, segundo o mesmo estudo, a média de cômodos por casa era de 4,69 (SÁ, 2011). A coleta de lixo ocorre geralmente duas vezes na semana, levando algumas marisqueiras e moradores das comunidas a queimarem o lixo doméstico no quintal, método antigo ainda perpetuado na comunidade.

Quando perguntadas sobre o que pensam das condições ambientais da comunidade, a maioria comentou que o ambiente é razoável em relação a sujeira, mas que precisa melhorar. Ainda comentaram da necessidade de maior conscientização da comunidade para não jogarem o lixo no mangue que ainda são encontrados com bastante frequência e multirões de limpeza para melhoria do ambiente e aumento dos dias de coleta durante a semana. Em Itarema (CE), SOARES et al indetificou que no que se refere ao destino dado ao lixo doméstico, 71,42% destinam os resíduos a coleta da Prefeitura, 14,29% queimam o lixo e também 14,29% enterram seus lixos.

Perceptível a preocupação das entrevistadas com o meio ambiente, com pequenos atos de preservação, porém existe a necessidade de uma ampla conscientização e ações mais incisivas por parte dos órgãos municipais, no que tange principalmente a proteção e preservação dos recursos ambientais.

Para Silva et al., (2009) e Freitas et al., (2012) a pesca artesanal recebe pouco apoio dos programas existentes dos órgãos municipais, principalmente quando tange a realidade de comunidades longe dos centros urbanos, são alternativos que podem auxiliar essa atividade em seu manejo e delineamento, mediada pelo conhecimento tradicional das comunidades pesqueiras e informações coletadas em pesquisas científicas. No entanto, pouca atenção é concedida quanto às informações relacionadas ao perfil socioeconômico dos pescadores/marisqueiras artesanais, assim como na estrutura organizativa da pesca.

De acordo com os estudos de (MARTINS E ALVIM, 2016; VASCONCELLOS et al, 2007; RAMALHO, 2006) a inserção da mulher na atividade pesqueira resulta de contextos socioeconômicos distintos, ou seja, não há uma razão comum. O acesso da mulher ao universo da pesca decorre de fatores como: ausência dos seus companheiros, desemprego e baixo rendimento familiar, ou ainda perda de seu espaço de trabalho.

O domínio das mulheres na atividade da pesca, principalmente no que se diz respeito à mariscagem, advém devido a múltiplos fatores, como: o fato de ser uma pescaria que exige curto espaço de tempo; ser realizada em áreas próximas às moradias; ser menos dinâmica do que a pescaria de peixes e por estes terem o processamento realizado em suas residências, permitindo que as mulheres exerçam paralelamente as atividades domésticas (DIAS et al 2007).

De acordo com os índices os perfis socioeconômicos demonstram que a maioria das entrevistadas possui condições básicas de moradia. Na região da Baía do Iguape a mariscagem faz parte do contexto social de diversas famílias, decorrente de uma prática diária entre as comunidades, sendo muitas vezes a única fonte de renda e alimentação, de acordo com os relatos em campo. Muitas marisqueiras afirmam ter a pesca como única alternativa devido à falta de emprego em Maragogipe e pouca estrutura para outros empreendimentos, constituindo-se em ofício que passa de mãe para filho, de geração em geração (FIGUEIREDO, 2011).

Segundo as marisqueiras locais, geralmente mulheres que têm como profissão a coleta manual de moluscos bivalves, a lambreta e a ostra vem sendo

explorada comercialmente há mais de 30 anos. É, ainda hoje, a mais importante fonte de renda para as marisqueiras das comunidades envolvidas, sendo passada para atravessadores que as levam para o comércio de Salvador e Maragogipe além de ser consumida por suas famílias.

6. CONCLUSÃO

Conclui-se que as comunidades de Baixão do Guaí e Capanema possuem as mesmas dificuldades de outras comunidades ribeirinhas. O um nível de escolaridade baixo devido à necessidade de trabalhar e obter renda para sustentar a família, além da falta de saneamento básico, o que leva os esgotos serem jogados no ambiente, pondo em risco a saúde da população e a contaminação das principais espécies de interesse econômico. No que diz respeito à atividade da pesca, a mesma é exercida de forma bem simples e artesanal, com poucos instrumentos de auxílio na pesca, sendo os principais o farracho e a faca. Dentre as espécies de coleta, a ostra é a mais capturada principalmente no verão devido a alta procura para consumo humano.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. **A importância do marisco (*Anomalocardia brasiliensis*) como fonte alimentar - Cabedelo, 2015.** Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico Integrado em Pesca) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.
- AMARAL, V. S. **Estudo morfológico comparativo de espécies do gênero *Crassostrea* (Bivalvia: Ostreidae) do Atlântico oeste.** 2010. 99f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) – Universidade de São Paulo, 2010.
- ARAÚJO, L. M. S. de. **Caracterização e avaliação da pesca artesanal no município de Itarema-Ceará-Brasil.** 2010. 58f. Monografia (Graduação em Engenharia de pesca). Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Fortaleza, 2010.
- BRASIL. Ministério de Pesca e Aquicultura. **Pescando desenvolvimento sustentável.** Brasília: Ministério da Pesca e Aquicultura, [2010]. 29 p.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA. **Cartilha das marisqueiras.** Brasília: MPA, 2010.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA. **Boletim estatístico da pesca e aquicultura: 2010.** Brasília: MPA, 2012.
- CARDOSO, E. S. **Pescadores Artesanais: Natureza, Território, Movimento Social.** Tese de doutorado - Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia, São Paulo, 2003.
- CHAMY, P. **Reservas Extrativistas Marinhas como instrumento de reconhecimento do direito consuetudinário de pescadores artesanais brasileiros sobre territórios de uso comum.** In: El Décimo Congreso Bienal de la Asociación Internacional para el Estudio de la Propiedad Colectiva (IASCP), 2004,
- CARDOSO, E. S. **Da apropriação da natureza à construção de territórios pesqueiros.** GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 14, 2003, p. 119-125.
- CASAL E SOUTO. **Conhecimentos etnoecológicos de pescadores da RESEX Marinha Baía do Iguape sobre ecologia trófica em ambiente de manguezal.** Ethnoscintia 3, 2018.
- CASASBELLAS, M.A.C. **Depuración de Moluscos,** Xunta de Galicia, v. 18, 1991. 60p.
- CAVALCANTE, A. L. et al. **Relação de gênero na arte da pesca.** Gaia Scientia v. 12, n. 1, p. 210-228, abril/2018
- CAVALCANTE, A. L. et al. **A arte da pesca: análise socioeconômica da Reserva Extrativista de Canavieiras, Bahia.** Informe Gepec, v. 17, n. 2, p. 81-99, 2013.

CORDELL, J. (2001) - **Marginalidade social e apropriação territorial marítima na Bahia**. In:

COSTA, C. S. **Comunidades Ribeirinhas da Baía do Iguape: cultura, identidade e representação simbólica dos pescadores artesanais no contexto socioeconômico do Recôncavo Baiano**. Jornada de Antropologia da UNICAMP, São Paulo, 2012.

DIAS, T.L.P.; ROSA, R.S. & DAMASCENO, L.C.P. (2007). **Aspectos socioeconômicos, percepção ambiental e perspectivas das mulheres marisqueiras da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (Rio Grande do Norte, Brasil)**. *Gaia Sci.*, 1(1): 25.

DOMINGUEZ1, P. S. et al. **A PESCA ARTESANAL NO ARQUIPÉLAGO DE FERNANDO DE NORONHA (PE)**: Bol. Inst. Pesca, São Paulo, 42(1): 241–251, 2016

EARTH GOOGLE. Available: <<http://earth.google.com>>. Acesso em: abril 2019

FAO. Food and Agriculture Organization. **The State of World Fisheries and Aquaculture**. 2016. Rome, 2014. 200 p. Disponível em: < <http://www.fao.org/3/a-i5555e.pdf>.

FAO-SOFIA. **The State of World Fisheries and Aquaculture**. 2018. Disponível em: <http://www.fao.org/3/i9540es/l9540ES.pdf>.

FIGUEIREDO, E M. **Uma estrada na reserva: impactos socioambientais da PA-163 em Mãe Grande, Curuçá (PA)**. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

FIGUEIREDO M M. **A MARISCAGEM E AS MULHERES NA BAÍA DO IGUAPE – BA**. Iº SEMINÁRIO ESPAÇOS COSTEIROS 26 a 29 de setembro de 2011.

FIGUEIREDO, M. M. **A Participação da Mulher na Organização Socioespacial de Comunidades Pesqueiras: Um Estudo de Caso na Reserva Extrativista Baía do Iguape - BA**. Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero, v. 4 (2), p. 77-86, 2013.

FONSECA, M. *et al.* **O Papel das Mulheres na Pesca Artesanal Marinha: Estudo de uma Comunidade Pesqueira no Município de Rio das Ostras, RJ, Brasil: subtítulo do artigo**. Revista de Gestão Costeira Integrada: Rio das Ostras, v. 16, n. 2, p. 231-241, set./2015.

FREITAS, S. T. et al. **Conhecimento tradicional das marisqueiras de barra grande, área de proteção ambiental do delta do rio Parnaíba, Piauí, Brasil**: Ambiente & Sociedade: São Paulo, v. 14, n. 2, p. 91-112, ago./2012.

FREITAS, C. O. et al. **Gestão de Custo da Pesca Artesanal do Vale do Guaporé em Rondônia**.. XXIII Congresso Brasileiro de Custos, Porto de Galinhas, PE, nov/2016

RODRIGUES, D. S; GIUDICE, J. A. **A pesca marítima artesanal como principal atividade socioeconômica: o caso de conceição de vera cruz**, Ba. Cadernos do Logepa, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 115-139, dez./2011.

IBAMA. **Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis**. Documento Legal. Disponível em: < www.ibama.gov.br/siucweb/mostraDocLegal.php>. Acesso em: Janeiro/2019

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades, 2017**. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=42&search=santa-catarina>>. Acessado em: mai 2019.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades, 2018**. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=42&search=santa-catarina>>. Acessado em: abril 2019.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades, 2011**. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=42&search=santa-catarina>>. Acessado em: mai. 2019.

IBGE (2011) - **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. 212p. Estudos e Pesquisas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Brasília, DF, Brasil. ISBN: 978-8524043369.

JESUS, R.S. e PROST, C. 2011 **Importância da atividade artesanal de mariscagem para as populações nos municípios de Madre de Deus e Saubara, Bahia**. GEOUSP - Espaço e Tempo, 30: 123-137.

KAISER, M. J et al. 2005. **Marine ecology: processes, systems, and impacts**, Oxford University Press, Oxford, 557 pp.

KUHN, Ednizia R Araújo. **Terra e água: Territórios dos pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu-Bahia**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

GIL, G. M.; TRONCOSO, J. S.; TOMÉ, J. W. **Manual para manejo e otimização da exploração comercial de moluscos bivalves**. Edição do autor. Porto Alegre, 2007. 48p

LIMA, M. A. L.; DORIA, C. R. C.; FREITAS, C. E. C. **Pescarias artesanais em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira: perfil socioeconômico, conflitos e cenário da atividade**. *Ambiente & Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 73-90, 2012.

MARTINS, M L S; ALVIM, GOMES R. **Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto**, Sergipe, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 11, n. 2, p. 379-390, maio-ago. 2016.

MARTINS, V. S.; SOUTO, F. J. B. **Uma análise biométrica de bivalves coletados por marisqueiras no manguezal de Acupe, Santo Amaro, Bahia: uma abordagem etnoconservacionista.** Sitientibus, Série Ciências Biológicas, v. 6, p. 98-105, 2006.

MENDES, L.P. 2002. **Etnoecologia dos pescadores e marisqueiras da Vila de Garapuá/BA.** Monografia de Graduação. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 96 p.

Ministério da Pesca e Aquicultura. 2010. **Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura - Brasil – 2010.** Brasília.

MIRANDA, A. M. et al. **O valor do manguezal: educação ambiental como instrumento social - praia de mundaú – trairí/ce: AMBIENTE & EDUCAÇÃO: Natura-RNI, v. 21, n. 2, p. 72-86, 2016**

MONTELES, J. S. et al. **Percepção sócio-ambiental das marisqueiras no município de Raposa, Maranhão, Brasil. Revista Brasileira de Engenharia de Pesca, v. 4, n. 1.**

MPA, Ministério da Pesca e Aquicultura. **Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura - 2010.** MPA, 2012.

MPA, 2011. **Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura – 2011.** Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/estatistica/e19st_2011_bol__bra.pdf>. Acesso em: 27 de abril de 2019.

MPA. **Gestão Compartilhada.** 2015. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/pesca/gestaocompartilhada>. Acessado em maio/2019.

NANNI, H C; NANNI, S M. **Preservação dos manguezais e seus reflexos: XII SIMPEP: Bauru, SP, nov./2005.**

NISHIDA, A K; NORDI, N; ALVES, R R N. **O TRABALHO DA MULHER NA CADEIA PRODUTIVA DA PESCA ARTESANAL.** Vol.2, N.1 Jan. - Abr. 2014

NOGUEIRA, E. M. D. S; FREITAS, L M. **DISTRIBUIÇÃO E ASPECTOS BIOLÓGICOS DE *Lucina pectinata* (GMELIN, 1791) (BIVALVIA-LUCINIDAE) NA LAGOA MUNDAÚ-ALAGOAS-BRASIL.** Tropical Oceanography, Recife, v. 30, n. 1, p. 7-14,

OLIVEIRA, I. B. **Estudo da estrutura populacional da *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin, 1791) na praia do Mangue Seco, litoral Norte de Pernambuco, Brasil.** 2010. 66f. Dissertação, (Mestrado em Recursos Pesqueiros e Aquicultura) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

OLIVEIRA, J.A. **Percepção ambiental sobre o manguezal por alunos e professores de uma unidade escolar pública no bairro de Bebedouro, Maceió – Alagoas. 2004.** 36 f. Monografia (Especialização em Biologia de Ecossistemas Costeiros) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

PALHETA, M K S; CAÑETE, V R; CARDOSO, D M. **Mulher e mercado: participação e conhecimentos femininos na inserção de novas espécies de pescado no mercado e na dieta alimentar dos pescadores da RESEX Mãe Grande em Curuçá (PA).** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 11, n. 3, p. 601-619, set.-dez. 2016.

PEDROSA, B.M.J.; LIRA, L.; MAIA, A.L.S. 2013 **Pescadores urbanos da zona costeira do Estado de Pernambuco, Brasil.** *Boletim do Instituto de Pesca*, 39(2): 93–106.

PENA, P.G.L.; FREITAS, M.C.S.; CARDIM, A. 2011 **Trabalho artesanais cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, Bahia.** *Ciência Saúde Coletiva*, 16(8): 3383-3392.

PINHEIRO, I. de O. **Diagnóstico socioeconômico das catadoras e catadores do molusco *Anomalocardia brasiliana* (GMELIN, 1791) (BIVALVIA, VENERIDAE) do município de Itarema – Ceará.** 2013. 38f. Monografia (Graduação em Engenharia de pesca). Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Fortaleza, 2010.

PINHEIRO, M.A.A. & TALAMONI, A.C.B. (Org.). **Educação Ambiental sobre Manguezais.** São Vicente: UNESP, Instituto de Biociências, Câmpus do Litoral Paulista, 165 p.

PINTO-COELHO, R M.; HAVENS, K; **Crise nas Águas. Educação, ciência e governança, juntas, evitando conflitos gerados por escassez e perda da qualidade das águas.** 1. ed. Belo Horizonte: Recóleo, 2015. p. 85-90.

PROST, C. **Resex marinha versus polo naval na baía do Iguape;** *Novos Cadernos NAEA*: v. 13, n. 1, p. 47-70, julho/2010

PROST, C; CERQUEIRA, I. L. S. **PESCA ARTESANAL EM ÁREAS PROTEGIDAS: TERRITÓRIOS CONJUGADO.**

PROST, Catherine. **Efeitos da barragem Pedra do Cavalo sobre a pesca artesanal na baía do Iguape.** In: *Anais do IIº Encontro brasileiro de ciências sociais sobre barragens*, 18-22/11/2007. Salvador: UFBA.

QUEIROZ, C.; JÚNIOR, N.S. **Cultivo de ostras.** Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Ed. ACARESC. 1990. 25p.

QUINÕES, E. M. **Relações água-solo no sistema ambiental do estuário de Itanhaém.** Campinas, FEAGRI, UNICAMP, 2000.

RAMALHO, C W N. **“Ah esse povo do mar!”: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana.** São Paulo: Polis; Campinas: CERES, 2006.

RAMIRES M; BARRELLA w; ESTEVES A M; **Caracterização da pesca artesanal e o conhecimento pesqueiro local no vale do ribeira e litoral sul.**

- RAMOS, Sergio. **Manguezais da Bahia**: breves considerações. Ilhéus: Editus, 2002.
- RAINHA, F A. **A pesca artesanal brasileira: uma análise da produção pesqueira em diferentes escalas**: Associação de Geógrafos Brasileiros: Vitória/E, Agos/2014
- RIBEIRO, E. B. et, al **Perfil socioeconômico dos marisqueiros e condições higiênicas adotadas na cadeia produtiva de ostra (Mollusca, Bivalvia)**. Arq. Ciênc. Vet. Zool. UNIPAR, Umuarama, v. 19, n. 4, p. 209-214, out./dez. 2016.
- RIOS, E. C. **Compendium of Brazilian Seashells**. 1 ed. Porto Alegre: Evangraf. p. 500, 2009.
- RIOS, K. A. N. **AVANÇOS E CONTRADIÇÕES DA PESCA ARTESANAL NO ESTADO DA BAHIA – BRASIL: A NECESSIDADE DA REGULARIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS PESQUEIROS**, 2014.
- RODRIGUES, L L; FARRAPEIRA, C. M. R. **Investigações em Ensino de Ciências: AMBIENTE & EDUCAÇÃO**. Recife-PE, v. 13, n. 1, p. 79-93, 2008.
- RONDINELLI, Simone Franco. **A exploração da lambreta, *Lucina pectinata* (Bivalvia, Mollusca), nos manguezais de Garapua – Baixo Sul da Bahia, Brasil**. Dissertação de Mestrado maio./2009.
- SÁ, E.P. 2011 **Estudo exploratório sobre a pesca artesanal e a cadeia de distribuição do pescado em comunidades de São Francisco do Conde – BA**. Salvador. 91f. (Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia).
- SANTANA, L M B M; **Biologia reprodutiva e considerações sobre parasitismo em *Lucina pectinata* (MOLLUSCA: BIVALVIA) em um estuário tropical / Dissertação (Mestrado) - Recursos Naturais, Fortaleza, 2010.**
- SANTOS, A S 2016 **As cidades, os rios e os pescadores – a interface entre a sustentabilidade dos recursos naturais e as (im)possibilidades de realização da pesca artesanal na região do vale do araguaia**: VII Simpósio Nacional de Ciência e Meio Ambiente: UniEVANGÉLICA, p3-8
- SANTOS, T. J. P. D. **Mulher e pesca artesanal: uma análise da participação das pescadoras de Belo Jardim – PE para o desenvolvimento local na colônia z-28**. Revista Ouricuri:Paulo Afonso, Bahia, v. 6, n. 1, p. 014-026, Abril/2016
- SANTOS, M A. 2008. **A experiência vivida na reserva extrativista marinha Baía do Iguape: diálogo de saberes, planejamento, educação e autonomia**. Caminhos de Geografia Uberlândia v. 9, n. 26. p. 1 – 16.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- SILVA, L.L. e ANDRADE, M.O. 2010 **Pescadores artesanais da praia da Penha – PB: novos paradigmas**. Revista de Biologia e Ciências da Terra, 10(2): 105-112.

SILVA, M.C.; OLIVEIRA, A.S.; NUNES, G.Q. 2007 **Caracterização socioeconômica da pesca artesanal no município de Conceição do Araguaia, estado do Pará. Amazônia: Ciências e Desenvolvimento**2(4): 37-51.

SILVA, M.E.P.A.; CASTRO, P.M.G.; MARUYAMA, L.S.; PAIVA, P. 2009 **Levantamento da pesca e perfil socioeconômico dos pescadores artesanais profissionais no reservatório Billings**. Boletim do Instituto de Pesca, 35(4): 531-543.

SILVA, C. A. **Circuitos Produtivos da Pesca Artesanal no Rio de Janeiro - Brasil: Desafios e Contextos**. Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, Costa Rica. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/2661/2543>. Acessado maio/2019

SILVANO, R. A. M. (2004) - **Pesca artesanal e etnoictiologia**. In: **Begossi, A. (org), "Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia"**. p. 185- 220, HUCITEC, NEPAUB/USP, São Paulo, SP, Brasil. (ISBN: 8527106248)

SOARES, Lucy S. H. et al. **Pesca e Produção Pesqueira**. In: **Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos** Salvador: EDUFBA, 2009.

SOARES, M. F. M; PINHEIRO; FARIAS, W L; CAJADO D M; LOPES E. G. F. A; PINHEIRO L O. **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA COMUNIDADE PESQUEIRA DE ITAREMA (CE)**, Extensão em Ação: Fortaleza, v. 1, n. 8, p. 29-41

SOUZA, C.A.; DUARTE, L.F.A.; JOÃO, M.C.A. & PINHEIRO, M.A.A. 2018. **Biodiversidade e conservação dos manguezais: importância bioecológica e econômica**, Cap. 1: p. 16-56.

VASCONCELLOS, M.; DIEGUES, A.; SALES, R. **Limites e possibilidades na gestão da pesca artesanal costeira**. In: Costa, A. (Org.). **Nas redes da pesca artesanal**. Brasília: IBAMA/PNUD, 2011 v. 1, n.1, p. 16-83.

VASCONCELOS, M. e DIEGUES; A.C.S.A; SALES, R.R. 2007 **Limites e possibilidades na gestão da pesca artesanal costeira**. In: **COSTA, A.L. (Org.) Nas Redes da Pesca Artesanal**. Brasília, IBAMA – MMA. p.15-83.

ANEXOS

Anexo A: Questionário de Diagnóstico Pesqueiro

QUESTÕES DIRIGIDAS

DADOS PESSOAIS

Nome Completo: _____

Comunidade/Local : Capanema () Baixão do Guai ()

Sexo : Masculino () Feminino ()

Estado Civil:

() solteira () casada () separada () união estável () viúva

A única fonte de renda da família é a pesca?

() sim () não

DADOS TECNOLÓGICOS

É pescador(a) profissional?

() sim () não

É filiado(a) a uma colônia de pescadores?

() sim () não Qual _____

Possui embarcação de pesca?

() sim () não

Quais as artes de pesca (apetrechos) utilizadas na pesca?

() Farracho

() Ciscador

() Ganchorra

() Fisga

() Faca de mariscagem

Outros _____

DADOS DA PESCA

Qual a época do ano que captura mais pescado?

() verão (dez a mar) () outono (mar a jun) () inverno (jun a set) () primavera (set a dez)

Cite as espécies de pescado mais capturadas de acordo com o período do ano:

Verão: _____

Outono: _____

Inverno: _____

Primavera: _____

DADOS DE BENEFICIAMENTO

Qual a forma de conservação do pescado capturado?

() gelo () "in natura" () salgado () câmara frigorífica () freezer

Qual a forma de processamento do pescado capturado?

() fervura () resfriamento a vácuo () latão () panela () outra _____

Quais as espécie(s) que tem maior retorno econômico?

DADOS ECONÔMICOS

Qual o valor médio de venda por espécie de molusco capturado?

Sururu:

Ostra:

Lambreta:

Mapé

Chumbinho

Outra: _____

Para onde é vendido o pescado capturado?

() consumidor local () atravessador () frigorífico

Tem notado mudanças na captura do pescado nos últimos anos?

() sim () não

Qual? _____

DADOS AMBIENTAIS

Na comunidade tem saneamento básico?

() sim () não

Se não qual o destino da rede de esgoto?

Rio (2) Manguezal (3) Praia (4) Estuário (5) Força – Outros

Qual o destino do lixo de sua residência?

queima no quintal fora de casa enterra Coleta de lixo no ambiente

Quantas vezes na semana ocorrem coleta de lixo?

1 2 3 nenhuma

O que acham do ambiente da comunidade?

Sujo Razoável Limpo

Qual sua sugestão para melhorar a sua atividade?

___/___/___

Anexo B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável à aluna de graduação Luciana Batista Oliveira, do curso de Engenharia de Pesca do Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas - CCAAB da Universidade Federal Recôncavo da Bahia - UFRB, Campos Cruz das Almas - Ba, que pode ser contatado pelo telefone (75) 3621-9751. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com Marisqueiras Artesanais, visando, por parte do referido aluno a realização de um trabalho de conclusão e estágio da disciplina de graduação. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados pessoais obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Maragogipe, Bahia ____ de _____ de 2019